

ELEIÇÕES

# 156 milhões com título na mão

TSE faz balanço da campanha de engajamento para o pleito de outubro. Avanço na comparação com 2018 foi de 6,21%

» LUANA PATRIOLINO

O Brasil tem, atualmente, 156,4 milhões de pessoas aptas a votar no pleito de outubro. A informação foi divulgada, ontem, pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Houve um aumento de 6,21% no número de eleitores em comparação com 2018, quando foram registrados 147,3 milhões de títulos — um aumento de 9,1 milhões.

Um dos principais motivos para o aumento do eleitorado foi a intensa campanha, feita pelo TSE e endossada por entidades da sociedade civil, de incentivo para que adolescentes de 16 e 17 anos tirassem os títulos para poderem votar. Apesar de a ida às urnas nesta faixa etária ser facultativa, 2,1 milhões jovens poderão escolher seus candidatos em outubro, segundo o tribunal. Esse número é 51,1% maior do

que o registrado no último pleito, quando 1,4 milhão de pessoas puderam ir às urnas.

O presidente do TSE, ministro Edson Fachin, afirmou que os dados mostram o engajamento do brasileiro no processo de escolha dos representantes para os poderes Executivo e Legislativo. Ele disse que o crescimento representa “o maior eleitorado cadastrado da história brasileira”.

“Os dados que divulgamos sobre o eleitorado demonstram a pujança cívica no Brasil. São mais de 156 milhões de eleitores e eleitoras que compõem no cadastro eleitoral, o maior da história brasileira”, salientou.

Fachin aproveitou para frisar o esforço do TSE. “É com esta perspectiva de organizar, preparar e de realizar eleições, que são essenciais para democracia, que são essenciais para o Estado

Democrático de Direito, que o Tribunal Superior Eleitoral torna público o resultado final da sistematização do cadastramento eleitoral no Brasil”, anunciou Fachin.

O ministro reiterou a segurança do sistema eletrônico de votação. “É um serviço que a Justiça Eleitoral presta, como, aliás, tem feito em 90 anos de existência, em mais de 25 anos do sistema eletrônico de votação em prol da democracia, de um sistema seguro, transparente e auditável”, frisou.

## Majoria

De acordo com o TSE, a maior parte do eleitorado brasileiro é formada por mulheres. São 82,3 milhões, que representam 52,65% do total de votantes. Os homens são 74 milhões (47,33%) e há outros 36 mil que não informaram a identidade de gênero — correspondem a

0,02% do total.

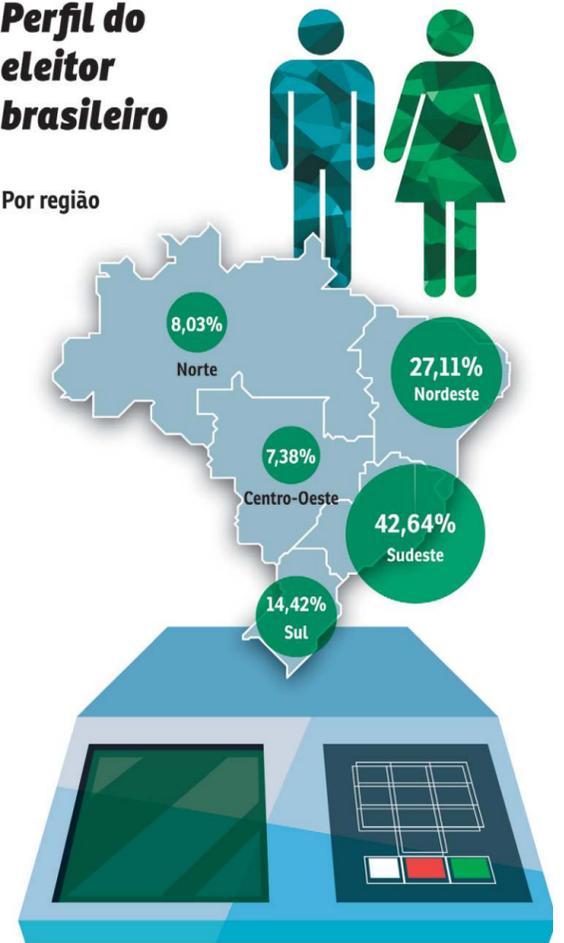
O tribunal também destacou, ainda, o aumento no número de transgêneros, transexuais e travestis que solicitaram o uso do nome social para votar. Em 2022, serão 37 mil votantes.

O TSE ainda ressaltou o crescimento de eleitores acima dos 70 anos. O voto para essa faixa etária também é facultativo, mas, ainda assim, o salto foi de 23,82% — pulou de 12 milhões, em 2018, para 14 milhões este ano. Este público representa 9,52% do eleitorado apto a votar.

O primeiro turno de votação será em 2 de outubro, quando serão escolhidos presidente da República, governadores, senadores, deputados federais, estaduais ou distritais. A segunda etapa da votação é em 30 de outubro, quando serão escolhidos, eventualmente, presidente e governadores.

## Perfil do eleitor brasileiro

### Por região



# Nova rodada de explicações

Abdias Pinheiro/Secom/TSE.



O presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Edson Fachin, convidou, ontem, as Forças Armadas (FAs) para uma reunião na qual a Corte vai apresentar orientações sobre as etapas, métodos, locais e formas de fiscalização do processo eleitoral. O encontro será em 1º de agosto.

Mas os militares não estarão sozinhos no encontro. Foram chamadas mais 15 entidades fiscalizadoras, entre elas Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), Ministério Público Federal (MPF), parlamentares, Supremo Tribunal Federal (STF), Controladoria-Geral da União (CGU), Tribunal de Contas da União (TCU) e Polícia Federal (PF).

Os poderes Executivo e o Judiciário disputam um cabo de guerra a respeito do papel dos militares em outubro. Durante 26 anos, não houve nenhum questionamento vindo da caserna ao sistema eleitoral brasileiro.

Em uma demonstração de alinhamento com o presidente Jair Bolsonaro (PL), as FAs assumiram o papel de questionar a confiabilidade das urnas eletrônicas. Desde a adoção do sistema informatizado de votação, o processo eleitoral brasileiro jamais havia sido questionado. Também nunca houve qualquer indício de fraude que colocasse em risco os resultados das eleições.

Mesmo diante desse cenário, Bolsonaro e seus apoiadores insistem que o sistema de votação tem falhas e até que as eleições de 2018, que elegeram o presidente, foram fraudadas. Nesta semana, o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, propôs a ampliação do teste de integridade das urnas eletrônicas no dia da eleição.

O procedimento é realizado pelo TSE desde 2002, mas em outros moldes. O ministro chegou a dizer que os militares não serão revisores das eleições de

## Fachin convocou instituições, inclusive os militares, para esclarecer ainda mais o processo de votação

outubro, mas defendeu as sugestões levadas pela caserna à Justiça Eleitoral.

## Transparência

O ex-secretário de Tecnologia do TSE Giuseppe Janino, um dos criadores da urna eletrônica, afirmou que as máquinas são auditáveis e passam por vários testes. “São 26 anos de utilização do modelo eleitoral e, nesse tempo, não há sequer um caso de fraude. Várias inspeções são levantadas e, quando encontradas, são formalizadas com instituições competentes e independentes, como o Ministério Público e a Polícia Federal”, explicou.

Nesta semana, as Fas enviaram ofício ao TSE solicitando dados como boletins de urnas, registro digital do voto e os logs dos equipamentos de votação das eleições de 2014 e 2018.

Além de lançar dúvidas sobre as urnas eletrônicas, o Bolsonaro estimulou a tensão com o TSE ao sugerir que as Forças Armadas fizessem uma contagem paralela de votos. O próprio ministro da Defesa chegou a dizer que os fardados se sentem “desprestigiados” pela Justiça Eleitoral.

Na avaliação do constitucionalista Guilherme Amorim Campos da Silva, os militares estão agindo fora dos limites constitucionais. “Os convites anteriores para seus representantes apresentarem sugestões não os legitimam, em hipótese nenhuma, a questionarem abertamente a confiabilidade do processo eleitoral e o sistema das urnas eletrônicas. As FAs constituem uma instituição de Estado, e não de governo, e estão à serviço do presidente da República para politizar o debate”, criticou. (LP)



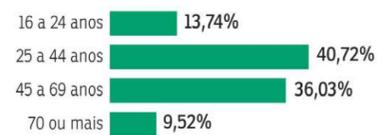
**São 26 anos de utilização do modelo eleitoral e, nesse tempo, não há sequer um caso de fraude. Várias inspeções são levantadas e, quando encontradas, são formalizadas com instituições competentes”**

**Giuseppe Janino, ex-secretário de Tecnologia do TSE**

## Escolaridade



## Faixa etária



## Gênero



## Pessoas com deficiência

1.271.381 cidadãos

## Nome social

37.646 farão uso do nome social, aumento de 373% na comparação com 2018

Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

# Bolsonaro convoca embaixadores para atacar urnas

O presidente Jair Bolsonaro marcou para a tarde da próxima segunda-feira um encontro com embaixadores estrangeiros para, mais uma vez, desacreditar a segurança do processo eleitoral brasileiro. Os principais nomes do corpo diplomático acreditado em Brasília começaram a ser convidados na última quinta-feira.

A iniciativa partiu do Palácio do Planalto e não do Itamaraty. O convite de Bolsonaro, assinado pelo cerimonial da Presidência da República, omite o assunto da reunião. “Fui incumbido de convidar vossa excelência para encontro do senhor presidente da República com chefes de missão diplomática, a ser realizado às 16h de 18 de julho de 2022, no Palácio da Alvorada”, diz a convocação. O chanceler

Carlos França deve participar.

Os embaixadores, no entanto, já sabem das intenções de Bolsonaro. Na semana passada, o presidente anunciou que convocaria os representantes diplomáticos para tentar convencê-los de suas teses sobre as urnas eletrônicas. O encontro também servirá para um contraponto à decisão do ministro Edson Fachin, presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), de ampliar a presença de missões estrangeiras como observadoras das eleições gerais, a contragosto do Planalto. Bolsonaro também pretende rebater palestras no exterior do próprio Fachin e do ministro Luís Roberto Barroso, do Supremo Tribunal Federal (STF), nas quais alertaram a comunidade internacional para os riscos de

ruptura democrática no Brasil.

Representantes de países europeus confirmaram presença, entre eles da França, de Portugal e da Suíça. Rússia, Reino Unido e os Estados Unidos também devem enviar seus diplomatas ao Alvorada. Os embaixadores não devem se manifestar durante o encontro, tampouco depois.

Países sul-americanos também foram convidados, como Colômbia e Equador, cujos governos de direita são alinhados a Bolsonaro. Diplomatas de países vizinhos, como Chile e Argentina, governados pela esquerda, disseram que não tinham recebido convite.

## Estranhamento

Reservadamente, embaixadores

admitem o estranhamento com o plano do presidente de acusar supostas fraudes em eleições passadas, nunca comprovadas, e criticar o uso de um sistema de votação pelo qual se elegeu e que tem mecanismos de segurança reconhecidos internacionalmente.

Eles dizem, porém, que foi igualmente incomum terem sido convocados pelo TSE para uma audiência sobre as eleições, em maio. Por terem ido ao encontro de Fachin, integrantes da União Europeia (UE) dizem que agora se sentem compelidos a atender ao chamado de Bolsonaro.

Naquela ocasião, 68 diplomatas compareceram à Justiça Eleitoral e ouviram de Fachin que “arremessos populistas” de líderes políticos na América Latina geram “acusações levianas

de fraude, que conduzem a semanas de instabilidade política no período pós-eleitoral”. Bolsonaro acusou o ministro de usurpar funções do Executivo e de se imiscuir nas relações internacionais. O presidente acusou Fachin de “estupro à democracia”.

A expectativa dos diplomatas é assistir a uma apresentação de PowerPoint, como outras que a Presidência e o Ministério da Defesa já apresentaram, com supostas ameaças ao sistema de votação eletrônica. A ofensiva do Planalto na seara da política externa coincide com o aumento da pressão pública das Forças Armadas por mudanças no processo de fiscalização das eleições, com a inclusão de um teste de integridade nas seções

eleitorais, no dia 2 de outubro, que usa uma segunda urna-teste e cédulas de papel, definidas pelos militares como um processo de “votação paralela”.

Segundo dois embaixadores europeus, o encontro servirá para ouvir os argumentos de Bolsonaro, inclusive para informar aos respectivos governos sobre os planos dele. “Ouvimos os argumentos de um lado e agora vamos ouvir os do outro”, justificou um embaixador, sob anonimato.

A ideia de que pode haver uma tentativa de golpe de Estado no Brasil começou a ser reportada em telegramas e relatórios por missões diplomáticas ao exterior no ano passado. A insistência do presidente em desacreditar as urnas deixou diplomatas em alerta.